34
MPF
mocidade
portuguesa
feminina
"PRODUZIR
E POUPAR!,,
FOTOGRAFIA:
FERNANDO M. POZAL

SUMÁRIO

NÚMERO 34

Foto: ALBERTO GALHARDO

Carnaval. Uma saloiasita... a fingir

OBRA DAS MÃIS PELA EDUCAÇÃO NACIONAL

«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina. Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 46134 — Editora Maria Joana Mendes Leal — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada, Travessa da Oliveira, (à Estrêla), n.ºs 4 a 10 — Lisboa

BOLETIM MENSAL ✦ ✦ ASSINATURA AO ANO 12$00 ✦ PREÇO AVULSO 1$00

PROGRAMA (II)

Sinos de Portugal a tocar: **Heroísmo! Santidade!**

Oiço chorar a cada esquina e do alto dos balcões:
«esta vil e apagada tristeza de viver!...»

Oiço a cada momento, às gentes, como que a repetirem Daniel-Rops:
«o mundo perde a sua alma!»...

É êste o grande espectáculo que o mundo oferece num cenário que ainda parece de festa...

* * *

Há tempos, um jornalista francês escreveu:
«O que falta ao mundo é um bando de heróis misturados com alguns santos».

Penso que a pena dêste homem sentiu e viveu tôda a verdade da sua afirmação.

Verdade. Virilidade. Visão do tempo e dos homens. Sinceridade.

* * *

Heroísmo... Santidade...

Não tenhamos mêdo às palavras. Nem ao que elas significam: **Heroísmo... Santidade...**

* * *

Todos os sinos de Portugal haviam de tocar, todos os dias, a uma hora de silêncio, estas palavras fortes e audazes.

É tamanha a cobardia e infidelidade das vidas!...

É tudo para aí tão superficial e comesinho... Banal e fútil... Homens e acções:... onde estão os homens?... e onde se fazem ainda grandes feitos?

Meu Deus! como está morrendo o mundo!...

* * *

«O que falta ao mundo é um bando de heróis e alguns santos».
Heróis: um punhado de heróis... «um bando» de almas extraordinárias, fora do vulgar...

Santos: ao menos «alguns» — uns poucos para «se misturarem» na multidão, para a levedarem em grandeza e beleza de viver...

«Algumas» almas ambiciosamente sublimes — magníficas.

«Algumas» almas magníficas... Umas poucas talvez bastassem para elevar o mundo e para o dignificarem.

* * *

Todos os sinos de Portugal haviam de tocar todos os dias, a uma hora de silêncio estas palavras fortes e animadoras: **Heroísmo!... Santidade!...**

E as raparigas de Portugal podem e devem fazer êste carrilhão nacional da Graça e da Altura: ser cada uma, por sua conta, e no seu canto uma *heroina* ou uma *santa*... uma heroina e uma santa: — **Heroísmo... Santidade...**

G. A.

PROVÉBIOS JAPONEZES

Em casa onde se ri, entra a fortuna.

Raparigas da Mocidade! Aprendei de cór êste provérbio. Sêde alegres e sereis felizes.

A felicidade é Deus que passa e Deus ama aqueles que O servem com alegria. Na casa onde se ri, não mora o pecado, que é taciturno e triste. E, nessa casa, Deus entra... A felicidade é o amor que passa — e o amor procura os corações alegres e generosos. Na casa onde se ri não mora o egoismo, que é concentrado e triste. E, nessa casa, o amor entra...

Na casa onde se ri, entra a fortuna. A alegria é a maior riqueza dêste mundo; e esta «riqueza» não é previlégio dos ricos! É herança dos pobres.

Na casa onde se ri, entra a fortuna. A alegria acompanha a graça, e nenhum bem da terra é comparado a êsse dom divino.

* * *

Quando se fala em projectos para o ano que vem, ri-se o diabo.

Raparigas da Mocidade, meditai também êste provérbio! A nossa imaginação é abundante em projectos, mas a nossa vontade menos pronta em pô-los em prática. Fica para logo... para àmanhã... para o ano! Lembrai-vos que dos projectos que se adiam, se «ri o diabo!» É que êle bem sabe que de boas intenções está o inferno cheio! O bem que se projecta, se não se executa, sobrecarrega-nos de responsabilidades.

Das boas inspirações que recebemos e das quais fazemos propósitos que não realizamos, havemos de dar contas! Sois novas! Inconstantes por natureza e julgando que a vida vos dará tempo á larga para tudo! «Para o ano...» E fazeis projectos de trabalho, de caridade, de aperfeiçoamento próprio. E o diabo está a rir-se!... «Para o ano...» Mas para o ano quem vos diz que ainda vivereis ou que as circunstâncias da vossa vida vos permitirão ainda realizar os projectos que agora concebeis?! Vivei para o momento presente.

* * *

Semente não semeada, não germina.

Também êste provérbio contém para vós, raparigas, uma lição. Se quereis colher, semeai! Nada se consegue, cá neste mundo, sem esfôrço. Viveis iludidas se julgais que bastam os vossos desejos para fazer germinar a felicidade na vossa vida e a santidade na vossa alma. Nem a felicidade nem a santidade são de geração expontânea. Pensais talvez que o casamento vos trará uma felicidade sem trabalho? Que engano! Só colhereis no casamento felicidade, se a souberdes semear e cultivar; tereis de enterrar no vosso lar as sementes de bondade armazenadas no vosso coração e cultivá-las com sacrifício... e então, sim, colhereis frutos doces para vós e para os outros! Pensais talvez, vós que tendes um ideal, mais alto ainda, que a perfeição se pode atingir sem esfôrço? Que engano! É preciso que a semente caia na terra e morra para germinar e dar cem por um! Julgais talvez, vós que tendes a ambição legítima de melhorar a vossa situação material ou a dos vossos, que o conseguireis sem trabalho? A lição que aprendeis é a semente que lançais à terra para mais tarde colherdes o fruto dos vossos estudos, que vos renderá o necessário para viver. Se não preparais a colheita, como quereis mais tarde encher o celeiro? A preguiça nunca deu pão...

MARIA JOANA MENDES LEAL

JAPONESAS COLHENDO FLORES

JAPONESAS TOMANDO CHÁ

TRÊS CARNAVAIS!

Foto: D. ANA DE JESUS MENDIA

Carnaval que nunca perde a graça...

— EU sou o velho Entrudo! diz um velho forte e espadaúdo; mas êsse velho não inspira respeito nem veneração: riso alvar torna-lhe abjecta a fisionomia, e no olhar alucinado, o prazer, a loucura lampejam!

— Eu sou o velho entrudo, o filho da velha Roma, o herdeiro das Saturnais; eu trazia no meu saco os tremoços, a bisnaga, as cocottes; eu era o rei brutal e louco que durante três dias fazia de Lisboa um campo de batalha onde os guerreiros lutavam denodadamente para se sujarem e magoarem o mais possível. Fui o pai das máscaras insonsas e dos dominós espirituosos, mas essas máscaras e êsses dominós muitas vezes ocultavam as mais tristes e culpadas misérias humanas.

Veiu 1914, e com êle a Justiça Divina a querer restaurar o reino de Deus na terra.. Morri; outras batalhas, onde o sangue da juventude heroica e generosa veiu expiar folias passadas, ensinaram ao velho mundo que a vida não é um carnaval.

Fala o carnaval depois da guerra:

— Eu sou o Carnaval de 1920 e dos anos seguintes. Sou a folia civilisada, ou antes, pseudo-civilisada. Não tenho já a exuberância do velho entrudo, com a sua guisalhada; vim com o jazz e o seu barulho inharmónico, com as danças exóticas e as modas estrangeiras. No meu reino a juventude post-guerra, como a do tempo depois do terror, quiz sacudir a lembrança dos tempos tristes e de novo recomeçou a celebrar-me ao seu modo!

Mas flagelo nunca visto está assolando o mundo, e o jóvem Carnaval 1942 entra, sem alarido e sem folia. Ele esconde a cara, não já com a máscara antiga, mas com o lenço que enxuga lágrimas; não ostenta na cabeça bonés de papel, mas sim um avião que anuncia destruições e os saquinhos de confetti foram substituidos por granadas e balas.

Ele fala à Mocidade e clama: Mocidade generosa e cheia de ideal, não queiras êste ano festejar-me! Irmãos e irmãs tuas pelo mundo inteiro vertem o seu sangue, as suas lágrimas, passam fome, frio e dôres; a sua radiosa juventude não conhece a primavera da vida, e para êles e elas a quadra mais encantadora da existência assemelha-se ao inverno triste da velhice.

Raparigas portuguesas, tão bondosas e compassivas ao sofrimento, não queirais insultar a dôr mundial, com festejos carnavalescos! Sois cristãs, com os vossos sacrifícios apressai a hora da paz. Sois Portuguesas, e a vossa linda pátria é hoje oásis de paz! Gosai, sim dessa paz, e aproveitai-a para vos exercitar a ser as mulheres de àmanhã, cultivai a alma e o coração, fortificai o corpo e aprendei tudo que faça de vós esposas e mães. Mas, sois novas, precisais de alegria, de divertimentos sãos.

Mesmo neste triste carnaval, não vos é defesa alguma distracção.

Reuni-vos em família; brincai, ri, cantai, dançai mesmo, nem Deus nem a Pátria vos levará isso a mal. Sois o radiante àmanhã que, seguirá a êste hoje tão aflitivo.

O futuro é vosso, por isso tendes deante do vosso olhar a perspectiva do Portugal novo; deixai a nós, ao passado, os cantos da saùdade, e cantai vós os da esperança; a nós, as lágrimas, a vós os risos e a alegria!

V. P.

A VISITA DO CHEFE DA MOCIDADE DE MARROCOS A PORTUGAL

Foto: MARQUES DA COSTA

I — O chefe da Mocidade de Marrocos, senhor Faure, no Centro n.º 1 da M. P. F., Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho.

II — A' saída do Centro n.º 2, Liceu D. Filipa de Lencastre. O senhor Faure entre alas de filiadas.

Em Dezembro, tivemos entre nós o Chefe da Mocidade e dos Sports da França. Mr. Faure veio ao nosso país a convite da Mocidade Portuguesa Masculina e reservou umas horas num dos seus dias, tão cheios, para conhecer e visitar a Mocidade Feminina. Foi-nos muito grato proporcionar-lhe o conhecimento da nossa organização, que admirou e deseja imitar, nalguns dos seus aspectos, na «Jeneusse» de Marrocos.

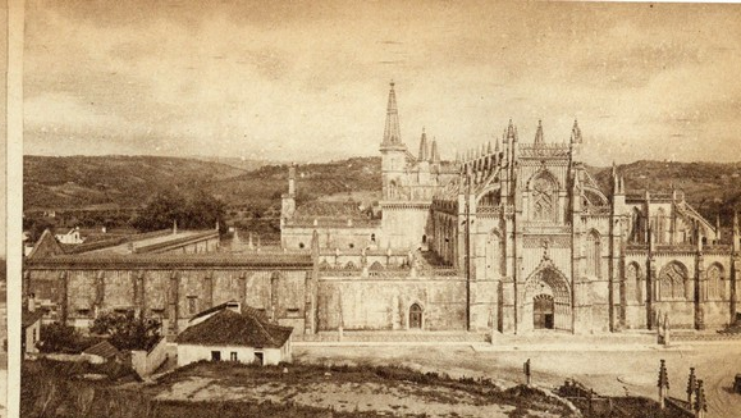
Os vestígios da nossa gloriosa ocupação, são ali ainda tão notáveis e dignos de admiração pela sua concepção grandiosa que o nome de Portugal é respeitado e amado, não só pelo seu Presente de Ressurgimento como pelo seu Passado tão visível nos seus monumentos.

A personalidade distinta, equilibrada e moralmente forte do Chefe Faure deixou entre nós todos, das duas Mocidades, uma impressão inesquecível. A nobreza da sua dôr ao ver as feridas profundas do seu país, a vontade firme de o fazer Ressurgir nuns moldes, como os nossos, baseados nas leis sempre-eternas, que nos mandam respeitar e obedecer a Deus, à Pátria, à Família, tornam-no um irmão de armas que nos apraz saudar através o mar estreito que nos separa.

Azamor, uma das antigas fortalezas portuguesas em Marrocos

Parque Infantil Dr. Oliveira Salazar

Coimbra: Túmulo da Rainha S.ta Izabel

O Castelo de Leiria

Mosteiro da Batalha

PASSEIO-PEREGRINAÇÃO DAS GRADUADAS DA ALA 1, DO DOURO LITORAL

O' Fátima, adeus
Virgem Mãi, adeus!

CANTICO celestial, repassado duma emoção divina, acompanhado com o acenar de lenços brancos; êsses lenços-lirios, levam no seu aceno todos os suspiros amorosos, todo o nosso encanto e entusiasmo perante a Graça, Formosura e Santidade da Mãi do Céu. Foi um espectáculo de beleza, de maravilha irreal! Constituiu a nota mais emocionante do nosso passeio-peregrinação.

Eis-nos chegadas a Coimbra, ao Parque Infantil Dr. Oliveira Salazar, que visitamos demoradamente. O objectivo é de grande alcance: despertar o interêsse pelas questões sociais e pela necessidade de preparação para a missão de mãis e educadoras da infância no periodo pré-escolar.

Uma lição grandiosa se desenrola perante os nossos olhos deslumbrados: Vidas que se consomem na preparação de outras vidas, corações que dão o melhor de si mesmo para a formação de outros corações infantis, inteligências esclarecidas, ao serviço do bem e da verdade, orientando o desabrochar dessas outras inteligências em botão, pela nobre senda da virtude.

Realização magnifica, entre as magnificas realizações do Estado Novo. São estas instituições, que criando um Portugal Novo, manterão eternamente o nosso prestigio, porque como diz Salazar, «por tôda a parte o orgulho de ser português remoça o sangue dos portugueses de hoje e permite repousem tranqüilas no túmulo, as cinzas heróicas dos portugueses de ontem».

Nós, raparigas da M. P. F., modelamos a nossa vida nas tradições gloriosas do passado. E' a essa fonte inexgotável de bravura, heroismo e coragem que vamos buscar incitamento para realizar a missão que nos foi confiada. Iluminados os nossos entendimentos pela luz brilhantissima que dêsse exemplo dimana, nós, num transporte de admiração e gratidão, prestamos a essas almas de eleição, a glória, o preito de homenagem que lhes é devido. Guiadas pelo rasto luminoso, que êsses entes após si deixaram, na sua breve passagem sôbre a terra, enveredando pelo caminho, rude talvez, mas sempre belo, que trilharam, com êles também alcançaremos os cimos de glória que atingiram.

Estamos na Igreja de Santa Cruz, perante o túmulo do Fundador. Vemos um túmulo de pedra inerte e dura, dentro do qual repousam as cinzas dum ente humano.

Perante os olhos do espirito, porém, numa evocação sentida e grata perpassava a vida do ente que ali jazia — a vida gloriosa dum rei, dum Fundador.

Foi um moço, forte e altivo, valente e audaz. Concebeu na sua mocidade um sonho, um ideal — Fundar a Pátria portuguesa. A êsse ideal consagrou todos os seus entusiasmos, tôda a sua inteligência, tôdas as suas fôrças. Realizando o seu sonho, D. Afonso Henriques lançou a pedra angular da nossa nacionalidade. A êle, do Fundador, seja tributada honra e glória.

Continuamos o nosso passeio. Numa eminência que domina, num túmulo, no altar-mór, jaz uma figura feminina, uma rainha, uma santa. Evocamos a figura formosa e pura, suave e linda da Rainha Santa.

Santa Izabel pertence à categoria dêsses entes que passam a vida num anseio continuo pela Pátria de bem-aventurança, pelo céu para o qual foram criados. A sua missão foi de paz e de amor. Empregou tôdas as fôrças da sua alma ùnicamente em amar a Deus. Amou-o com um amor puro e ardentissimo, com todo o coração, tôda a energia da sua vontade, com tôdas as suas fôrças.

No cumprimento magnifico dum preceito divino, deu tudo, para imitar fielmente a Cristo. Trocou o trono por uma cabana, o manto real pela túnica de S. Francisco, viveu uma vida de sacrificio e abnegação, de privações e austeridades.

Iluminada por uma luz sobrenatural, viu na pessoa do próximo ùnicamente a Jesus Cristo; fez porisso consistir tôdas as suas delicias em conversar com os pobres, servi-los, enxugar-lhes as lágrimas, animá-los e prestar-lhes todos os serviços que a chama viva e brilhantissima da caridade sabe inspirar no meio das misérias, a que a pobre humanidade está sujeita.

Modêlo sublime e admirável! Bendizendo ao Senhor por ter glorificado o seu nome com o brilho das heroicas virtudes da Santa, invocamos também lá do alto do seu trono resplandecente, a sua protecção e uma bênção para a Pátria e para a M. P. F. Foi o nosso preito de homenagem, àquela que mereceu a gratidão e reconhecimento de Portugal e a admiração da Igreja que a canonizou.

E o nosso passeio continuou:
Conimbriga — vestigios magnificos do dominio romano na Peninsula.
Leiria — com o seu Castelo e os seus pinhais.
A Batalha — epopeia gloriosa em pedra.
Tomar e o Convento de Cristo — Igreja e Castelo de Templários.
Figueira da Foz — praia risonha do nosso risonho Portugal.
Tudo com o fim de melhor conhecermos o valor histórico e as belezas artisticas de Portugal.

Mas Fátima, era o objectivo máximo do nosso passeio.
Que excepcional e estranho poder de insinuação sobrenatural tem êste lugar bendito.

Respira-se um ambiente de misticismo e de mistério. E' como que um odor suavissimo, que ficasse impregnado neste lugar de privilégio, como que a essência divina dessa divina visitante, que ai se dignou descer.

Foco inextinguivel da luz suavissima da Fé — fôrça extraordinária e espiritual potência — em Fátima tudo convida ao recolhimento e à oração. E' um lugar da terra, em que nos sentimos transportados às regiões etéreas do Infinito. A sua paisagem é a paisagem do Espirito.

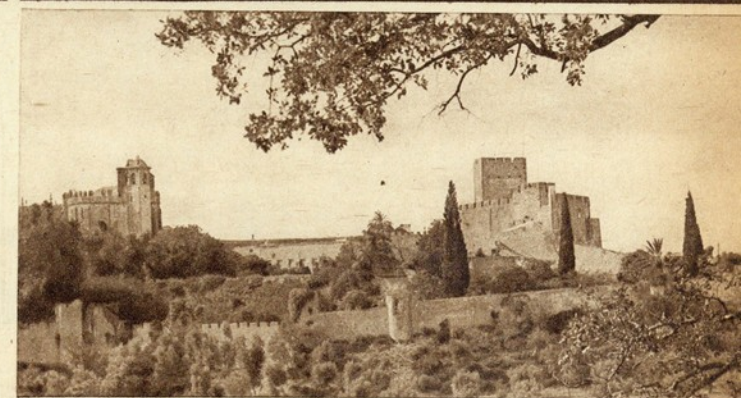
Tôdas nós sentimos êste suave influxo; foram graças recônditas — fé avivada, fé entusiasta, quando não foi mais: a concessão do dom integral da fé.

Sugestões divinas, que divinamente reagirão nas nossas almas!
Foi dêste lugar cheio de Graça e de Verdade que, comovida e saüdosamente, nos despedimos.
Lágrimas nos olhos, lenços brancos acenando, as nossas vozes cantavam:

O' Fátima, adeus
Virgem Mãi, adeus!

Permanecerá indelével nas nossas mentes a recordação dêste passeio-peregrinação, que fizemos para agradecer a Nossa Senhora a graça da paz que gosamos e pedir-lhe a paz para o mundo.

MARIA EMÍLIA VAZ DINIZ
Filiada n.º 3084 — Chefe de Grupo da Ala I ao Douro Litoral

Grupo das Graduadas e Dirigentes que tomaram parte no Passeio - Peregrinação

Tomar: Igreja e Castelo dos Templários

A praia da Figueira da Foz

Fátima: Vê-se a capela das Aparições

NOTÍCIAS DA M. P. F.

Distribuição de berços em Espinho

DUAS FESTAS

ESPINHO

Desde tempos remotos dois sentimentos se enraïzaram no coração forte de Portugal: o amor pátrio, que fizera dos portugueses uns heróis, e um outro, mais etéreo e transcendente, o sentimento católico, que gerou os santos e mártires da Fé. Ambos caminharam a par e tornaram o povo português o eleito de Deus, aquele que, dotado duma fôrça misteriosa, havia de dar ao Mundo Novos Mundos e à Humanidade heróis e santos como Afonso Henriques e Nuno Álvares.

1 e 8 de Dezembro! — duas datas próximas que, como num policromo arco-íris desenhado por Deus no azul puro do céu lusitano, ligam e estreitam aqueles sentimentos em íntima e indestrutível comunhão.

1 de Dezembro: das brumas do passado surgem os conjurados, gritos de alegria, o arfar violento dos peitos, bandeiras desfraldadas, lábios frementes que bradam--Restauração!

8 de Dezembro: num altar cheio de luzes e rosas, as rosas de Portugal, destaca-se o vulto gracioso de Nossa Senhora da Conceição. Sôbre os seus cabelos, numa carícia, repousa a Corôa de Portugal. Tudo é dogma e paz no sorriso inefável da Rainha dos Céus.

Raparigas da Mocidade! — era êste o conjunto magnífico que os olhos das nossas almas viam quando das duas últimas festas do Centro.

Na 1.ª, em que se benzeu a Bandeira, sentimos bem sôbre os ombros a responsabilidade que os nossos Avós nos haviam legado. No íntimo dos peitos arfavam os corações! Compreendemos, então, o que para nós representa aquele símbolo da Mocidade heróica do Portugal Novo.

Finda a cerimónia, quando ajoelhadas beijámos o branco imaculado, em que se destacava o distintivo, qualquer coisa de novo e já há muito esboçado, se precisou nas nossas almas e, só então, nos apercebemos com nitidez do indeclinável imperativo que a Pátria nos confia: edificar com a nossa Fé e o nosso entusiasmo, um Portugal ainda melhor e mais do que aquele em que, por graça de Deus e pelo trabalho vigente de Salazar, vivemos.

À 2.ª festa, a 8 de Dezembro, foi animada dum sentimento de caridade profundamente cristão.

Roupitas confeccionadas com o amor puro dos nossos corações de mulheres, e berços destinados a embalar pequeninos lusitanos, foram encher alguns lares de alegria.

E, então, ao contemplarmos o esfôrço que havíamos feito, ficou-nos na alma qualquer coisa de límpido, meigo e vaporoso, um sorriso feliz da Nossa Senhora da Conceição, a Virgem que concebeu e foi Mãi.

A filiada no Centro n.º 1 no Colégio de N. S. da Conceição

Maria da Glória de Melo Moniz de Castro Côrte Real

Altissimu, onnipotente, bon signore
tue so le laude la gloria e l'onore et onne bennedictione
(Altíssimo, todo Poderoso, bom Senhor
Para Vós vão louvores, glória, honra e tôdas as bênçãos)

Estes dois versos são os primeiros dum cântico que uma alma puríssima entoou, em acção de graças, ao Criador. O Cântico do Sol, êsse poema tão belo, nascido do Amor profundo que o coração de S. Francisco, poeta e santo, votava a Deus e, por Amor de Deus, aos homens, aos animais e às próprias coisas, suas criaturas.

S. Francisco de Assis, a mais sublime figura humana, (estabelecida excepção para Jesus que se fez homem, mas era Deus) dá-nos, com a sua vida, o exemplo mais edificante de perfeição moral. Não há, no decurso da sua existência excessos de misticismo, nem actos transcendentes. Não são milagres, não são curas maravilhosas, nem ressurreições que o impõem aos corações e à consciência; a sua acção é tôda espiritual. E, certamente, essa a razão que o torna o mais amado de todos os santos, e, também, porque S. Francisco é humano, profundamente humano, mas tão superiormente humano que atinge o sublime e a santidade.

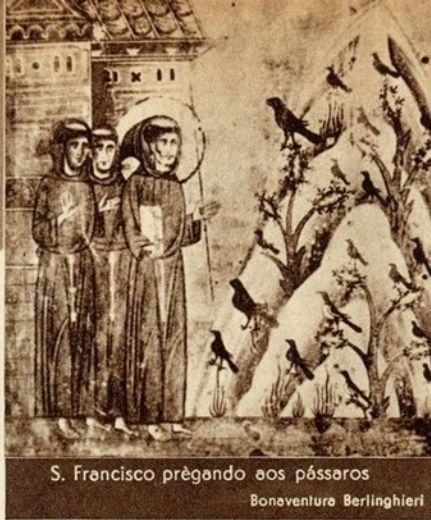
Não quero, porém, fazer a apreciação desta grande figura do Catolicismo; vou antes contar algumas cênas da sua vida que pelo seu tocante significado merecem ser conhecidas e meditadas.

Nasceu na cidade de Assis, na Toscana, em fins do século XII. Era filho dum rico mercador e, durante os primeiros tempos da sua existência, auxiliou seu pai nessa profissão. Profissão rendosa e lucrativa, de modo que, com o fruto do seu trabalho e o dinheiro paterno, fazia o moço vida faustosa, só cuidando de se divertir e gastando os primeiros anos da juventude em jogos, festins e outros prazeres. Era certo que já revelava ter coração compassivo e piedade pelos infelizes; mas poucas ocasiões tinha para o demonstrar, na agitação da vida dissipada que levava. Em tais excessos caiu que abalou gravemente a saúde, tão gravemente que o negro espectro da morte o roçou de bem perto.

Essa doença marca uma profunda evolução na alma do jovem Francisco. O abatimento, a previsão terrível duma morte próxima, a solidão tão propícia a meditações fizeram-lhe conceber o vazio, a inutilidade da vida que ia gastando, dia a dia, hora a hora, sem satisfazer o anseio de idealismo que o agitava.

Já em convalescença, vagueava pelos caminhos verdejantes e cheios de sol que levavam aos arredores da cidade, procurando em si e na natureza inspiração de novo rumo a seguir. Ia até a uma pequena e arruinada capelinha que ficava próxima de casa e que, mais tarde, por suas pròprias mãos ajudou a reconstruir, e aí ficava em mudo recolhimento.

Foram palavras de Jesus, lidas no Evangelho e ouvidas durante a missa, que decidiram a sua vocação. Essas palavras, palavras santas, que exaltavam a humildade, prègavam o dever de amar os infelizes e auxiliar os fracos, mostraram-lhe o caminho glorioso que deveria seguir. E o moço, habituado ao luxo, a vida fácil e agradável, vestiu áspera túnica de burel e, de pés descalços, ei-lo que vai por essas estradas fóra prègar aos homens os ensinamentos de Cristo.

Indo, um dia, por um estreito caminho, encontra um leproso. O seu primeiro movimento é retroceder a fim de evitar tão perigoso contacto, mas, dessa repulsa, nascida de natural instinto de conservação, breve triunfa a sua abnegada piedade, aproxima-se dêle, fala-lhe com brandura e num gesto sublime, beija-lhe a mão chagada e pustulenta. Foi talvez excessivo nesse acto de caridade porque Deus quere que defendamos a saúde, mas que bendita caridade que deu a um infeliz, repudiado por todos, ensejo de apreciar um acto de Amor humano.

S. Francisco prègando aos pássaros
Bonaventura Berlinghieri

Desde aí muitas vezes visitou leprosarias indo levar aos desventurados doentes balsâmicas palavras de consôlo.

Prosseguia a sua missão santa.

Despojado de todos os bens, mendigava o sustento diário e, habituado a preciosos manjares, aceitava contente duras côdeas de pão e sobras de comida. Dormia, muitas vezes, no chão, ao ar livre, à chuva e ao vento. Mas nesse estado de voluntária pobresa, verdadeiro exemplo de humildade cristã que representou, no tempo em que viveu, uma reacção contra o desprêzo que a arrogante e poderosa nobreza medieva votava às classes mais humildes, o santo homem encontrou a felicidade.

SÃO FRANCISCO DE ASSIS

Percorria as ruas e os caminhos prègando e cantando.

Amava os homens, amava os animais e admirava a Natureza, vendo em tudo a criação superior dum espírito universal — a obra de Deus.

E' muito conhecida e admirável de frescura e graça a cêna que o mostra falando aos passarinhos.

Ia um dia por um caminho, cantando alegremente, quando viu um bando de pássaros. Correu para o meio dêles e, milagrosamente, sem o menor susto, os passarinhos rodeiam-no, chilreando com tal maviosidade como se lhe dessem boas-vindas.

S. Francisco começou a falar-lhes meigamente e ouvindo-o mais se elevou ainda o canto das avezitas, como que a querer agradecer-lhe as palavras que proferia.

Que poético e comovedor quadro! Que tintas delicadíssimas seriam precisas para o pintar!

Era mister um artista de eleição que encontrasse, na sua alma, doçura para animar o meigo olhar do santo, e vida para criar tôdas as asas que palpitavam em tôrno dêle numa apoteose de Amor.

Por essa mesma ocasião, querendo prègar num povoado próximo, as andorinhas pipilando ruidosamente, impediam-no de ser ouvido. Voltou-se para elas e disse:

— «Andorinhas, minhas irmãs, é tempo que eu fale agora, guardai silêncio até eu terminar».

E logo as andorinhas ficaram mudas e quedaram-se extáticas a contemplá-lo e a ouvi-lo.

O poder das suas palavras e o exemplo das suas acções, de tal modo falaram a algumas almas que, dentro em breve, se lhe juntaram companheiros, para compartilhar a sua vida errante de devoção e sacrifício.

Todos os dias chegavam novos adeptos, fervorosos das suas doutrinas, e S. Francisco pensou em fazer aprovar pelo Papa, então o grande Inocêncio III, a Regra que compuzera com preceitos do Evangelho. Custou-lhe muitos sacrifícios, muitos esforços e dissabores êsse seu intento, mas a Regra foi aprovada e S. Francisco e os companheiros passaram a ser Irmãos Menores da Ordem dos Franciscanos.

A sua acção foi tão profunda, as suas palavras tão proficientes que bastaram na Itália para destruir a heresia Catarista que no sul da França foi reprimida com muita violência e sangue na campanha conhecida pela designação de Cruzada contra os Albigenses, onde teve origem a negregada Inquisição.

A sua morte foi o digno fim duma vida tão santa. Abençoando todos os Irmãos que o rodeavam, quiz que o despojassem das suas vestes, para morrer nos braços da pobresa.

Menos de dois anos passados, reconhecida a sua santidade, foi canonisado.

E, tantos séculos decorridos sôbre a sua passagem pela terra, S. Francisco de Assis não é uma recordação apagada que busquemos nas velhas tradições; vive na nossa imaginação que anima num carinhoso culto a sua figura humilde de prègador de Cristo que tinha no coração tesouros de ternura e afecto.

S. Francisco de Assis
Fra Angelico

Maria da Luz de Deus

PÁGINA DAS LUSITAS

por MARIA PAULA DE AZEVEDO

TAGARELICES DA SENHORA MARIA

— Começo por lhes contar, ricos meninos, a história do Lidador: quem sabe alguma coisa dêsse grande homem?

— Sei eu! — gritou José Manuel, que adorava a História de Portugal — e bem faz a senhora Maria em lhe chamar grande, porque foi grande em todo o sentido.

— Até pelo tamanhão que era! Vamos então a falar dêsse homem, que se chamava...

— Gonçalo Mendes da Maia.

— Você é um verdadeiro sabichão — observou Maria Joana.

— Deixem ouvir! — cortou Maria Domingas.

— Quando reinava D. Afonso Henriques era um nunca acabar de guerras, está-se a vêr, para ir conquistando terras e mais terras; e o Lidador, sempre valentíssimo, lá andava pelo Alentejo a guerrear como ninguém. E se bem que tivesse já passado dos noventa anos...

— Oh senhora Maria! então devia andar todo curvadinho, com certeza — disse Vera.

— Qual curvadinho, nem meio curvadinho! Era um velho muito alto, direito como um fuso, com umas barbas brancas que lhe chegavam à cinta. E o Rei, que lhe conhecia o valôr, nomeou-o para governar a cidade de Beja. Tudo ali à roda eram campos onde volta e meia surgiam mouros, os grandes inimigos da nossa gente. Ora um dia, andavam alguns dos nossos fóra das portas da cidade e que vêem êles?

— Eu sei, porque já li essa história num livro de Alexandre Herculano — disse José Manuel.

— Mas agora não é você que conta; é a senhora Maria — disse Maria Domingas.

— Viram, cravada num grande carvalho, uma seta como as que usavam os mouros nas batalhas.

— Que queria isso dizer? — perguntou Vera.

— Ora, era uma grande provocação, está-se a vêr. E como os nossos eram uns espirra-canivetes, ficaram danados e logo o foram dizer ao Lidador, que era fronteiro da cidade.

— Fronteiro?!! — perguntaram alguns.

— Assim se chamam aos governadores de terras na fronteira. Então o velho fronteiro resolveu logo ir à frente dos portugueses, montado num cavalão e com a sua enormíssima espada: era tão grande e tão pesada que tinha de ir prêsa ao pulso por uma corrente, imaginem os meninos!

Lá se meteram a caminho e iam todos alegres e folgazões, dizendo graças e cheios de valentia.

— E os mouros?

— Pois aí é que estava: nem um dêsses malvados se encontrava! Mas quando iam a passar junto a uns pinhais muito sombrios...

— Ai que médo! — suspirou Julinha.

— Qual médo! — gritou José Manuel.

— Vêem cair um dos soldados que ia mais à frente. Depois outro, depois outro, e começam a vir setas mouras de dentro do tal pinhal! E agora já se via a tropa moura; era tamanha!

— Diz Alexandre Herculano que eram cinco vezes mais que os nossos — disse José Manuel.

— Quando o chefe mouro viu o Lidador, correu no seu cavalinho, a todo o galope, para o matar: mas o Lidador, quási sem se mexer, deu-lhe tal pancada com o seu espadeirão que o mouro caiu logo.

— Que bom! — exclamou Maria Joana.

— Qual bom! O mouro não tinha morrido. Atirou-se com fúria ao Lidador e o fronteiro caiu no chão quási morto. Ora quando os portugueses viram cair o seu Chefe e, para mais, aparecer outra tropa moura, desanimaram; mas Gonçalo Mendes da Maia, ao ver que a sua gente ia perder a batalha, parece que creou alma nova: gritou por um cavalo (o dêle tinha morrido) e, cheio de feridas, esvaindo-se em sangue, corre para o outro chefe mouro, e mata-o!

— Que valentão!

— E tão velhinho já!

— Caiu então de vez o Lidador: mas tinham vencido os portugueses! — concluiu a senhora Maria, satisfeita.

• ● •

Maria da Graça no Campo

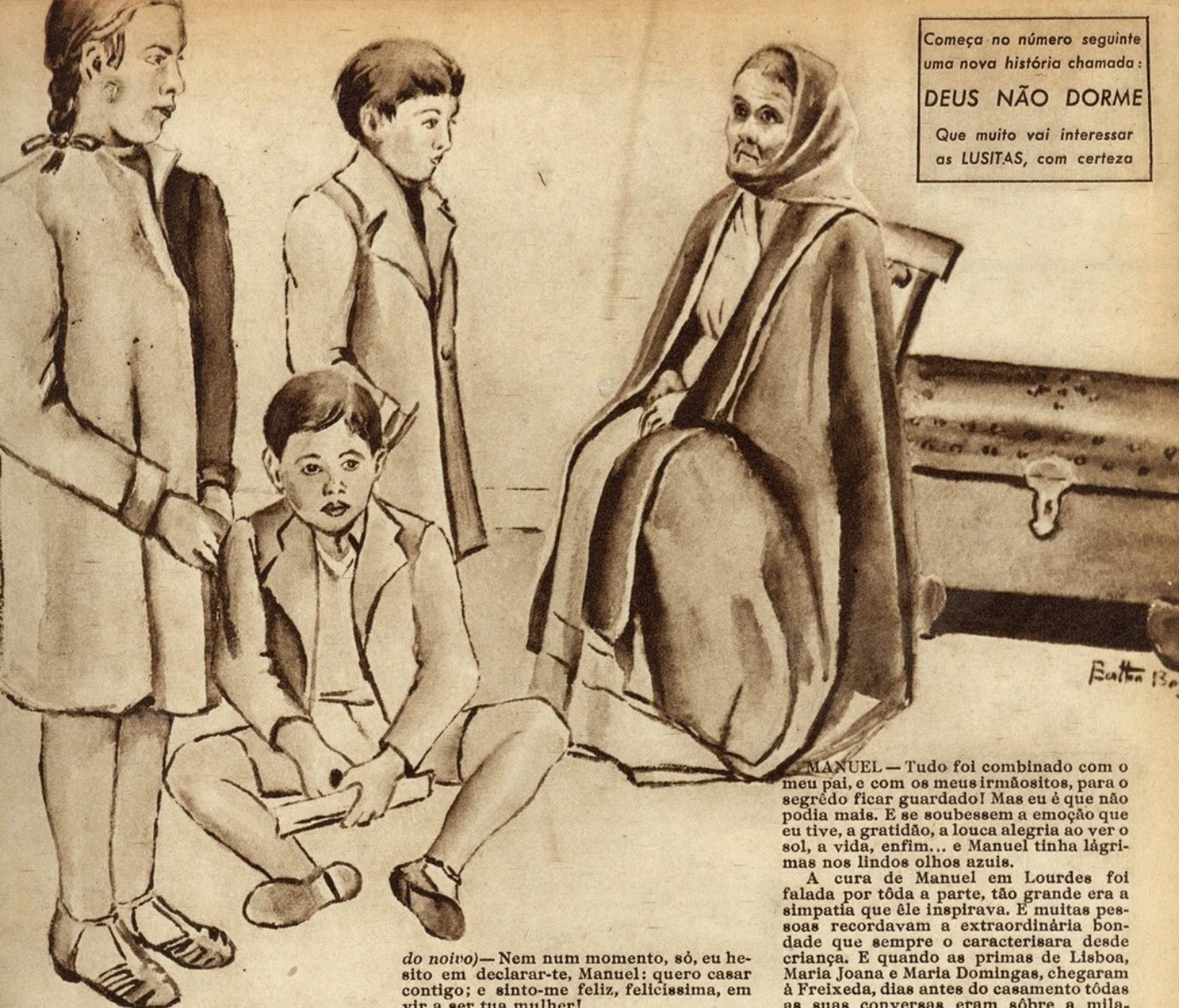
CONCLUSÃO

CAPÍTULO XL

Parecia que uma nuvem negra pairava agora sôbre a risonha Freixeda! Os pais Aguiar tristes e preocupados, assistiam ao noivado da filha como se se tratasse duma desgraça irremediável; as primas Castel Brancos, indignadas com a recusa feita a João José, sentiam-se melindradas; o próprio João José, à beira duma neurastenia séria, fechava-se no quarto sem querer falar a ninguém.

Começa no número seguinte uma nova história chamada:

DEUS NÃO DORME

Que muito vai interessar as LUSITAS, com certeza

Os noivos, porém, alheios a tudo o que não fôsse o seu próximo casamento, pareciam ignorar tôda a má disposição que os rodeava.

MARIA DA GRAÇA — *(à mãi que cosia junto à mesa do serão)*. — Mãisinha, nós queríamos casar no primeiro domingo de Maio!

D. FRANCISCA *(desconsolada)* — Não será fácil acabar-se o teu enxoval até lá...

MARIA DA GRAÇA — Não me importo, Mãe, Acaba-se depois.

D. FRANCISCA *(triste)*—Tanta pressa tens de deixar-nos, Graça...

Manuel, os seus olhos claros fitos na noiva com ternura, entrou também na conversa.

MANUEL — Quando se fixar o dia do nosso casamento tenho a fazer a todos uma solene declaração!

MARIA DA GRAÇA — O que é, Manuel?! O melhor é dizeres já do que se trata.

MANUEL *(grave)* — Estás bem decidida, Graça, a partilhar a vida triste dum cego? A privares-te, por mim, de tanta coisa boa que há na vida?

D. ANTONIO *(com tristeza)* — A que vem isto agora, Manuel? Parece-me inútil a discussão, desde que tudo está fixado à vontade de ambos.

MARIA DA GRAÇA *(pegando na mão do noivo)*— Nem num momento, só, eu hesito em declarar-te, Manuel: quero casar contigo; e sinto-me feliz, felicíssima, em vir a ser tua mulher!

MANUEL *(solenemente, levantando-se)*. — Então... oiçam bem o que vou dizer, meus queridos amigos, e, tu, minha noivazinha adorada: *(com entusiasmo)* Eu já, não sou cego desde que fui a Lourdes! Eu sou um miraculado! Eu vejo tão bem como vós todos! Eu vejo-te, Graça, com todos os teus encantos, com todo o teu amor por mim!

E abraçando-se num ímpeto irreprimível, Maria da Graça e Manuel nada mais disseram... Os pais, comovidos, tinham lágrimas nos olhos.

D. ANTÓNIO — Mas para que escondeste tu de todos essa grande alegria, Manuel?!

D. FRANCISCA — Porque não quiseste dizer-nos que foste curado por Nossa Senhora? Poupavas tanta tristeza ao meu coração...

MANUEL *(sorrindo)* — Perdoem-me, peço-lhes! E' uma compensação pequenina do muito que sofri durante tantos anos... Assim, tive a felicidade imensa, incomensurável, de sentir duma maneira única o que é o amor da Graça: mesmo cego ela preferia-me a todos! E eu sei que o João José...

MARIA DA GRAÇA *(radiante)* — Eu compreendo-te, Manuel!

D. FRANCISCA *(enxugando os olhos)*— Tiras-me um pêso bem grande do coração!

MANUEL — Tudo foi combinado com o meu pai, e com os meus irmãositos, para o segrêdo ficar guardado! Mas eu é que não podia mais. E se soubessem a emoção que eu tive, a gratidão, a louca alegria ao ver o sol, a vida, enfim... e Manuel tinha lágrimas nos lindos olhos azuis.

A cura de Manuel em Lourdes foi falada por tôda a parte, tão grande era a simpatia que êle inspirava. E muitas pessoas recordavam a extraordinária bondade que sempre o caracterisara desde criança. E quando as primas de Lisboa, Maria Joana e Maria Domingas, chegaram à Freixeda, dias antes do casamento tôdas as suas conversas eram sôbre a milagrosa cura e aquele noivado tão diferente dos outros.

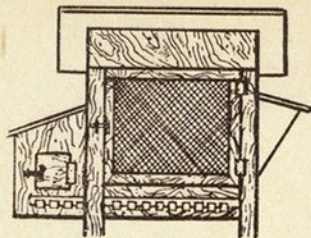
MARIA DOMINGAS *(cismática)* — Eu acho que esta história da Graça faz lembrar a Bela e a Fêra. Lembra-se, Maria Joana?

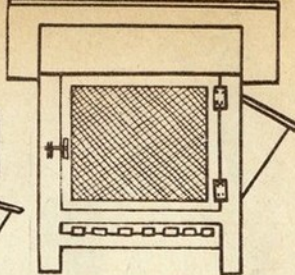
MARIA JOANA *(admirada)* — Que ideia, menina! Não sei porquê.

MARIA DOMINGAS — Pois parece-se imenso, fique sabendo! Então a Bela não queria casar com a Fêra, mesmo feia e exquisita? E de repente .. ficou a Fera transformada num príncipe lindo! A Graça queria casar com o Manuel, mesmo cego. Mas de repente... também êle se transformou e ficou a ver lindamente!

. . . .

No primeiro domingo de Maio, na capela de Freixeda, realizou-se o casamento de Maria da Graça e Manuel. Lá estavam as duas primas Castel Branco, reconciliadas de todo; mas João José não quis assistir: não podia consolar-se, ainda, de perder a sua adorada Maria da Graça. As crianças da aldeia faziam alas à saída da capela: e foi sôbre um tapete de pétalas de rosa que o lindo par se encaminhou para casa enquanto o sino da igrejinha repicava a bom repicar!

FIM

Criar coelhos

Um outro bom modêlo de gaiola para coelhas

O mesmo modêlo para machos

A M. P. F. também quere colaborar no grande dever do momento presente. «Produzir e poupar!»

O Ministério da Economia aconselha-nos nos seus cartazes a criar coelhos, mas o bom senso já antes disso nos tinha segredado essa receita... e a «Gazeta das Aldeias» também. Conhecem êste jornal? Antigamente era óptimo para o lavrador, agora, é óptimo para tôda a gente, pois que todos, dentro das suas possibilidades, se terão de tornar produtores.

A carne começa a faltar nos talhos. Porque não criar coelhos nos nossos quintaes ou até varandas? E no campo intensificar essa creação? Vejamos o que o sr. Manuel de Mello nos diz na «Gazeta das Aldeias».

«Mas onde criar os coelhos? É preciso um parque, uma cêrca... Sim, retorquiremos: isso, um parque, uma cêrca, uma exploração modêlo, é muito interessante e muito útil, mas para ser estudado e montado com vagar. Agora um pátio, o recanto do jardim, o pequeno espaço onde caibam duas ou três gaiolas, serve à maravilha, como diz o povo. Mas as gaiolas? De que modêlo? Ficam caras? Quem as sabe fazer? O modêlo, é simples; serve o apresentado nos desenhos juntos ou outro semelhante (I e II). O seu custo pode calcular-se pelo que se escreveu já: caixotes velhos, meia dúzia de pregos (parece que êstes é que estão caros) um martelo e um serrote.

Pode construí-las quem faz as perguntas, nestas longas noites de inverno, aos Domingos, nos dias em que as bátegas de água e a ventania rija, obrigam a ficar em casa. Em duas ou três horas, trabalhando-se o que faz bem e afugenta o frio, — fica uma gaiola pronta.

Mas — lá vem outra pergunta! — é realmente boa, sob o ponto de vista alimentar, a carne de coelho? — É, sim senhor: estudos cuidadosamente feitos demonstraram que a carne de coelho é 40,4 por 100, mais rica em alimentos nutritivos que a de frango, 27 por 100 que a do porco e 24,2 por 100 mais do que a do boi; é consequentemente, magnífico alimento, esplendidamente suportado pelos organismos débeis, esgotados ou mortificados pelos males que atormentam o homem...»

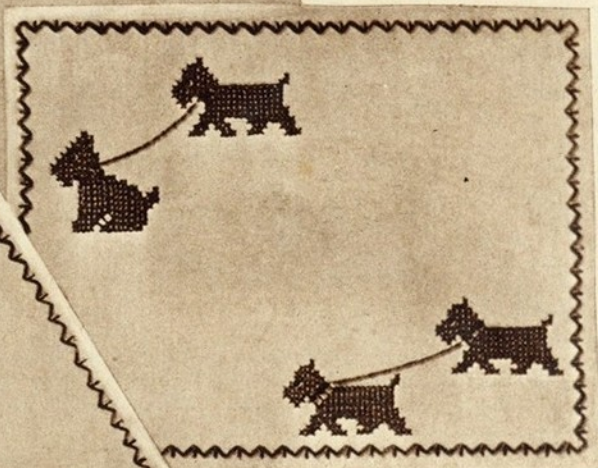
Bem sei que os coelhos comem e bem! Mas em geral há sempre nas cosinhas, cascas de batatas, de cenouras, etc., que fazem bons jantares para êsses roedores. No campo, claro, onde há erva e hortas essa questão não se põe.

A criação de coelhos requere um certo geito, mais de cuidado do que de ciência. É preciso estar sempre a separar os machos das fêmeas e os machos entre si. Lutam muito e magoam-se cruelmente. Quem os vê com aquele aspecto dôce e inocente não julgaria. Não é?

Agora vou-lhes dizer o que é mais difícil na creação de coelhos. É matá-los quando se vêem tão lindinhos! Mas êsse sentimento tem que se dominar neste tempo de necessidade e soluciona-se a questão pedindo a uma pessoa de fora de casa que faça a operação.

FRANCISCA DE ASSIS

FOTOGRAFIA:
FERNANDO M. POZAL

Trabalhos de Mãos

TOALHINHA, GUARDANAPO E SACA PARA BÉBÉ

Pede-nos uma Directora de Centro, que é professora duma escola primária, para publicarmos desenhos de alguns trabalhos que as suas alunas possam fazer.

Os que hoje publicamos até as Lusitas mais pequenitas os podem executar, pois são muito fáceis.

Podem ser feitos em linho cru ou em algodão e bordados com linha *Mouliné*, M D C ou com *algodão perlé*.

A toalhinha poderá medir 45 cm. × 35 cm.

O guardanapo 30 cm. × 40 cm.

A saca para o guardanapo 12 cm. × 20 cm.

Os cãis são bordados a ponto de cruz. Se os cãis forem azues, a coleira e a cadeia poderão ser também em azul, mas num tom mais escuro. Se os cães forem encarnados, a coleira e a cadeia poderão ser castanhas. Cada uma fará a seu gôsto!

A cercadura da bainha será nos dois tons.

Damos o modêlo dos cãis no tamanho da execução para facilitar a contagem dos pontos.

COLABORAÇÃO DAS FILIADAS

Impressões do campo

Como é de encantar ao paisagista ver o contínuo labutar dos homens, amanhando a terra, seu bêrço, com amor e carinho! De mangas arregaçadas, descalços (afagam as pizadas de seus avós), de chapéu de palha na cabeça, com a enxada na mão, cavam a terra, arroteam-na, semeam-na cansados, mas a coragem não lhes falta, porque o verde dos prados lhes indicam que tenham esperança e fé na prodigalidade da natureza que os há-de recompensar, espalhando pelos vales, montes, prados, colinas e outeiros abundantes colheitas que saciarão os seus trabalhos por vezes rudes. Espalhadas pelos trigais andam raparigas de lenços garridos atados à cabeça, outras com chapéus de palha enfeitados de boninas à apanha das espigas doiradas, enquanto que canções inebriantes se elevam e são transmitidas de vale a vale, e de monte a monte. Abaixo do trigal desliza a água corrente de um rio translúcido que espelha as lavadeiras a ferverem de saúde por todos os poros, as maçãs do rôsto rígidas e còradas, as mangas arregaçadas deixam ver braços fortes que se mexem com ligeireza, enquanto que as mãos batêm, esfregam e torcem as roupas no lavadoiro; além no couradoiro a roupa torna-se alva. No monte andam os pastores e as pastoras a guardarem os rebanhos; algumas ovelhinhas mais meigas, deixam-se afagar; o pastor toca flauta, enquanto que umas ovelhas andam a pastar e outras estão debaixo dos pinheiros. As casinhas fumegam, onde o jantar espera as famílias. A completar o cenário bandos de andorinhas cruzam-se no azul do Céu, outras constroem ninhos nos beirais da capela ou no campanário. Pela aldeia soam as badaladas do Angelus, enquanto que os homens e as mulheres deixam os trabalhos; aqueles tiram o chapéu com respeito e estas rezam breves orações em honra do Senhor. Após os minutos em que as almas se isolam do mundo, dirigem-se apressadas para os lares.

NATÁLIA CARVALHO CARTIM

Vanguardista — Ala n.º 5 — Alto Douro e Traz-os-Montes

◆ ◆ ◆

"O MEU PRIMEIRO SONHO"

Como todos, sonho. E como todos também, tenho sonhos impossíveis. Mas o mais doloroso, talvez seja o primeiro... E o meu primeiro sonho caíu de tão alto, tão alto...

Sonhava ser uma grande escritora! Sonhava ver, sentir e escrever tal como o tinha visto e sentido! Sonhava escrever para dar coragem aos outros! — eu bem sei a coragem que dá um bom livro! — Sonhava escrever uma linguagem simples, cheia de energia e doçura! Sonhava ser como os nossos grandes mestres, em que se está a ler, a sentir e ouvir os personagens, reais, palpitantes, cheios de vida! Ah! Sonhava... Tanta coisa linda! Tanta beleza! Tanto ideal! Tanto impossível...

Mas de repente — ai! A realidade — senti que nunca, nunca seria capaz de uma só página de Eça! E para escrever medíocre?! Para ser como milhares de escritores sem talento?! Não, isso não! Ou tudo, ou nada! E já que não era tudo... seria nada.

E o meu primeiro sonho quebrou-se, desfez-se como a primeira boneca de trapos, como o primeiro romance que li, como um sonho de 15 anos!

Era o meu primeiro sonho...

Maria Eugénia de Sá Coutinho

(Aurora) — Chefe de Castelo

NOTA DA REDACÇÃO *— Gosta de escrever? Pois continue. A pena também se aperfeiçoa e os grandes escritores, quando relêem os seus primeiros ensaios literários, sorriem com humildade e enternecimento, mal se reconhecendo nesses primeiros trabalhos.*

Decerto, nem todos nós poderemos escrever como Eça, nem devemos pôr tão alto o nosso sonho... Mas sabe uma coisa? A simplicidade da prosa de Eça era mais trabalhada do que os versos de alguns poetas! E' curioso ver um rascunho dos livros de Eça de Queiroz: não teem conto os riscos e as emendas. Tudo isso para quê? Para simplificar, para aperfeiçoar, para dar ao seu estilo aquela admirável clareza e aparente facilidade.

Nunca chegaremos á sua perfeição? Não é motivo para desistir de escrever, sobretudo se nos acima o desejo de fazer bem aos outros com os nossos escritos.

Não desanime! Escreva e mande-nos a sua colaboração.

COLABORAÇÃO DAS FILIADAS